

MICHAEL SANDEL E O ARGUMENTO DO *TELOS* CONTRA O APRIMORAMENTO GENÉTICO HUMANO: UMA CRÍTICA

Adan John Gomes da Silva*

Resumo: Dentro do debate sobre a ética do aprimoramento genético humano, o autor estadunidense Michael Sandel se destaca por acusar essa prática de infligir dano não aos alvos do aprimoramento, mas a uma série de instituições e relacionamentos valorizados em nossa sociedade. Nesse sentido, diz que o maior risco dessa tecnologia está no risco que ela representa ao propósito da paternidade, do esporte e até da medicina. Neste texto, pretendemos analisar a argumentação do autor estadunidense a fim de discutir seus principais pontos, de modo a descobrir qual seu real impacto sobre o debate relativo à ética do aprimoramento genético humano.

Palavras-chave: Bioética; Aprimoramento Genético; Telos.

Abstract: Within the debate on the ethics of human genetic enhancement, the American author Michael Sandel stands out for arguing that this practice inflicts harm not on the targets of enhancement, but on a range of institutions and relationships valued in our society. In this sense, he states that the greatest risk of this technology lies in the threat it poses to the purpose of parenthood, sports, and even medicine. In this text, we intend to analyze the American author's argument in order to discuss his main points and thus uncover his real impact on the debate concerning the ethics of human genetic enhancement.

Keywords: Bioethics; Genetic Enhancement; Telos.

INTRODUÇÃO

Os avanços alcançados pela medicina e biotecnologia desempenham hoje um papel ambíguo. Ao mesmo tempo em que nutrem milhares de pessoas com a esperança de tratamento para algumas doenças outrora invencíveis, abrem espaço para procedimentos que vão além da cura, permitindo que pessoas perfeitamente saudáveis consigam tornar-se mais altas, mais fortes, mais rápidas, mais inteligentes, mais resistentes a doenças, com uma memória ou uma

* Doutor em filosofia pelo PPGFIL-UFRN e Mestre em filosofia pelo PPGFIL-UFRN, onde estudou a filosofia da ciência de Thomas Kuhn. Graduado em filosofia pela UERN. Graduado em história pela UFRN. Atualmente é professor de filosofia no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). E-mail: adan.john@ifrn.edu.br

capacidade de raciocínio melhor do que a maioria das outras pessoas. A este uso da biotecnologia chamamos aprimoramento, o qual, ao lado dos procedimentos de cura mais sofisticados, promete ser uma realidade muito em breve.

Embora essa ambiguidade já exista em diversos produtos farmacêuticos, que originalmente foram desenvolvidos para tratar, mas que podem igualmente ser usados para aprimorar – temos aqui em vista o hormônio do crescimento, o metilfenidato (popularmente conhecida como Ritalina) e até mesmo a sildenafil (popular Viagra) – ela alcançou seu ápice com a engenharia genética. Graças aos avanços do Projeto Genoma Humano (PGH) – cuja meta é encontrar os fundamentos genéticos dos vários traços que compõem o ser humano – bem como de métodos de manipulação genética mais baratos e eficientes, como o CRISPR-CAS9¹ (cujas desenvolvedoras ganharam o prêmio Nobel), em breve as pessoas poderão ter acesso tanto a terapias para doenças de origem genética quanto aos aprimoramentos disponibilizados por técnicas equivalentes, podendo assim intervir em organismos perfeitamente saudáveis a fim de torná-los melhores do que eles teriam sido de outra forma.

Tal preocupação não é gratuita, já que a engenharia genética, uma vez atuando sobre células germinativas, tem como consequência o fato de que qualquer edição feita nesse nível será repassada da pessoa alterada para seus filhos, netos e toda sua linhagem genética, de forma que decisões acerca desse tipo de manipulação genética têm consequências muito mais amplas e duradouras do que as vistas nos aprimoramentos farmacológicos.²

Assim é que nosso desejo de ver doenças de base genética serem erradicadas de uma vez por todas anda lado a lado com a possibilidade de vermos também pessoas portando capacidades aprimoradas que não foram escolhidas por si mesmas – já que os aprimoramentos genéticos precisam ser realizados antes do nascimento da criança, sob encomenda dos pais – e que serão transmitidas para a descendência dessa pessoa, consequências que ampliam muito o alcance das decisões feitas por aqueles que lançam mão dessa tecnologia.

Não é preciso muita imaginação para prever como esse tipo de procedimento parecerá tentador às futuras pessoas. Por outro lado, os riscos relacionados são mais sutis e nem sempre pensados em sua real profundidade.

¹Sigla para Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats (Conjunto de Repetições Palindrômicas Curtas Regularmente Interespaçadas) trata-se de uma técnica relativamente nova que permite a edição de genes específicos, retirando-os ou inserindo-os nas células de acordo com o objetivo desejado. Para um panorama das aplicações já em curso dessa tecnologia, ver Araújo (2019).

² A engenharia genética pode também se limitar a alteração de células somáticas, fazendo com que qualquer alteração se limite apenas ao portador das células alteradas.

Ainda que estivesse limitada ao tratamento de doenças, a existência desse tipo de tecnologia por si só já seria um feito marcante, não apenas na história humana, mas na própria história da vida neste planeta. Com ela, pela primeira vez uma espécie alcançaria a capacidade de determinar sua própria biologia, libertando-se assim da seleção cega que moldou todos os seres vivos até então. Mas a possibilidade adicional de que essa tecnologia seja usada para conferir aprimoramentos promete ser uma das maiores revoluções da humanidade, de forma que não é exagero afirmar que temos diante de nós um bom candidato ao que será – ao lado da invenção da escrita ou da revolução industrial – um dos pontos de inflexão de nossa história.

A substituição do acaso genético pela escolha deliberada dos traços e talentos de nossa linhagem, aliados aos níveis elevados que esses talentos poderiam vir a atingir, teria consequências dramáticas sobre diversos aspectos da vida humana que estão na origem de nossos costumes, crenças e valores. Teríamos que decidir que tipo de restrições impor a atletas aprimorados, lidar com uma nova geração de pessoas que vivem muito mais tempo graças a seus corpos melhorados, aprender a acomodar jovens com níveis de aprendizagem sobre-humanos, e até mesmo articular nossos dogmas religiosos para lidar com pessoas que sofrem menos doenças, vivem mais tempo e eventualmente deixam de ver em Deus a razão para sua saúde e seus talentos. Assim é que a inevitabilidade da doença e da morte, o culto ao gênio e ao superatleta, a desigualdade de habilidades naturais, o valor do mérito pessoal, as incertezas da criação, tudo isso teria que ser abruptamente reavaliado, impactando em nossa religião, nossa economia, nossa noção de justiça e de comunidade.

Diante de possibilidades tão radicais quanto as oferecidas pela revolução genética já em andamento, é compreensível que surjam receios os mais variados relativos a elas, receios que ganham voz nos escritos de um grupo distinto de filósofos e pensadores descritos como *bioconservadores*. Esses autores externam uma série de preocupações que servem antes de qualquer coisa para questionarmos o otimismo irrestrito com o qual alguns abraçam as promessas da biotecnologia. E é diante dessas preocupações que somos obrigados a avaliar nossa postura em relação à iminente revolução dos aprimoramentos, de forma que a questão mais geral que nos guiará ao longo do nosso texto será a de que atitude devemos assumir frente a esse tipo de possibilidade. Em outras palavras, como devemos receber os aprimoramentos genéticos?

O receio mais comum do pensamento bioconservador provavelmente diz respeito à segurança desses procedimentos. A exemplo dos riscos que o uso indiscriminado de medicamentos para fins de aprimoramento oferece à saúde, não é difícil imaginar de que formas

até mesmo a menor e mais bem intencionada alteração de nossa constituição genética resulte em efeitos imprevistos e potencialmente catastróficos.

Não há dúvidas de que a cautela deve ser uma palavra de ordem quando lidamos com manipulações genéticas em humanos – mesmo aquelas que se limitam à prevenção de doenças – e que mesmo um certo grau de segurança a esse respeito não deve ser confundido com um conhecimento pleno das consequências de curto e longo prazo que manipulações deste tipo podem ter. Por outro lado, pensamos que preocupações nesse sentido tendem a ser superficiais do ponto de vista ético, na medida em que submetem a aceitação dos aprimoramentos genéticos a parâmetros científicos capazes de determinar (dentro de limites aceitáveis) se uma determinada intervenção é segura ou passível de erros, assim como delegam toda a discussão a peritos em genética, afastando-a do grande público não especialista.

Com isso não queremos dizer que considerações sobre segurança não suscitem suas próprias interrogações éticas. Significa apenas que as questões morais mais relevantes se situam além da discussão sobre a segurança. Por tudo isso, acreditamos que para chegarmos às questões realmente importantes do ponto de vista ético devemos num primeiro momento supor que essas técnicas são ou serão em algum momento completamente seguras, isto é, que qualquer intervenção em nossos genes terá somente as consequências previstas e desejadas pelos cientistas e outras pessoas envolvidas. Com a segurança dos aprimoramentos genéticos “garantida” é que podemos então questionar que tipo de atitude devemos ter em relação a eles.

Nesse sentido, existem críticas das mais diversas ao aprimoramento genético, desde as que o fazem contrária à “vontade de Deus”³, ao trabalho da evolução ou mesmo à “santidade” da natureza humana. Mas dentre todas as críticas, uma tem se sobressaído como particularmente profunda e persistente.

Entre 2004 e 2007, o filósofo estadunidense Michael Sandel expôs um argumento particularmente profundo em relação ao aprimoramento genético de seres humanos.⁴ Em seu livro *Against perfection (Contra a perfeição)*, Sandel defende que a principal razão para nos opormos a esse tipo de tecnologia tem a ver não com o potencial dano que ela poderia causar às pessoas aprimoradas em si – e que configura um dos pontos mais disputados entre os pensadores envolvidos no debate – mas com os efeitos que ela teria sobre a forma como aqueles que a usam se relacionam com sua natureza, o que estende a preocupação para os pais que

³ Para Lee Silver, “como é tão frequentemente o caso com novas tecnologias reprodutivas, a objeção real reside no domínio da espiritualidade, e não no da ciência. Em termos simples, há um sentimento geral de que a engenharia genética invade o *domínio de Deus*” (2001, p. 239).

⁴ O esboço de seu argumento foi apresentado em um artigo de 2004, o qual foi expandido até virar um livro em 2007.

almejam tais aprimoramentos para seus filhos. Ao fazer esse desvio, Sandel ofereceu não apenas uma nova perspectiva para o debate em torno do aprimoramento genético humano, mas também um poderoso argumento contra essa tecnologia.

Contudo, apesar de sua força persuasiva, acreditamos que o argumento de Sandel não oferece à causa bioconservadora a força que muitos acreditam que ela de fato oferece. E isso porque o autor faz algumas suposições que são, a nosso ver, difíceis de sustentar. Assim, o objetivo deste texto é o de estudar com um pouco mais de profundidade o argumento de Sandel, evidenciando as ideias que estão por trás de suas linhas gerais e criticando alguns dos alicerces do argumento do autor.

Para tanto, procederemos da seguinte forma. Na próxima seção descreveremos as ideias de Sandel a respeito do aprimoramento genético humano, descrição que irá intimar um aprofundamento em suas ideias e explicitação de algumas de suas posições mais basilares, as quais serão alvo de crítica na nossa última seção.

AS IDEIAS DE SANDEL

Para o autor bioconservador Michael Sandel o principal risco dos aprimoramentos está na intenção e no caráter de quem faz uso deles, e não necessariamente em algum dano causado a quem é alvo desse tipo de intervenção, razão pela qual ele julga que “[o] problema mais profundo é que elas [terapias de aprimoramento] representam uma espécie de superoperação (hyperagency), uma aspiração prometeica de remodelar a natureza, incluindo a natureza humana, para servir a nossos propósitos e satisfazer nossos desejos” (2007, pp. 26-27). E embora a questão do aumento de nossas capacidades esteja incluída na crítica que o autor faz aos aprimoramentos – em especial quando ele trata dos autoaprimoramentos – é a possibilidade de *escolher* que capacidades os pais podem ampliar em seus filhos que mais o interessa, e também é aquela sobre a qual nos concentraremos neste texto.

Em um dos trechos mais emblemáticos de seu livro *Contra a perfeição*, Sandel caracteriza os aprimoramentos como uma busca por *domínio* e *maestria*, afirmando que o problema dessas técnicas “não é o desvio para o mecanismo, e sim o impulso à maestria” (2007, p. 27). Nesse sentido, ele acusa aqueles que recorreriam a essas técnicas de estarem interessados sobretudo em dominar completamente certos aspectos da vida de acordo com sua vontade.

Sandel expõe esse argumento tomando por base o papel que aí já desempenham os aprimoramentos convencionais em ambientes amplamente competitivos, como o esporte e a educação. Com efeito, o autor estadunidense vê no envolvimento cada vez mais intenso e precoce dos pais no sucesso esportivo e profissional dos filhos motivos para acusá-los de serem “excessivamente ambiciosos”, tomados por um “impulso frenético de moldar e administrar” e capazes de “perder a medida na transformação do amor, ao promover e exigir todo tipo de conquista dos filhos em busca da perfeição” (2007, pp. 50-59). Para ele, tudo isso é prova não apenas de que “as pressões crescentes na vida americana que vêm modificando as expectativas dos pais em relação aos filhos e aumentando as demandas sobre o desempenho das crianças” (pp. 57-58), mas também de que ferramentas de engenharia genética encontrariam amplo espaço numa sociedade como essa, disposta a práticas incisivas e por vezes prejudiciais para controlar todos os aspectos da vida em busca de vantagens competitivas.

É preciso notar que a crítica de Sandel não depende da *conquista* dessa maestria, mas tão somente do impulso a ela. Nesse sentido, a simples tentativa de se controlar alguns aspectos da biologia humana já recai sob a crítica deste autor, independente de sua exequibilidade. Isso parece ser verdade quando lembramos que o próprio Sandel afirma que “a mais profunda objeção moral ao aprimoramento reside menos na perfeição que ele busca do que na *disposição humana que ele expressa e promove*” (2007, p. 46, grifo nosso). Nesse caso, embora o aprimoramento possa não ser capaz de conduzir a uma forma plena de domínio sobre nossas vidas ou de nossos filhos, ele é preocupante pela mesma razão que o são formas convencionais de aprimoramento utilizadas de forma abusiva.

Mas a questão do domínio, por si só, não nos dá muitas pistas acerca das razões pelas quais Sandel rejeita os aprimoramentos biomédicos. E isso porque pode-se argumentar que diversas atividades que marcam o mundo moderno são uma forma de exercer domínio sobre o mundo natural, apesar de Sandel não se opor à grande maioria delas. A questão, portanto, não é se o aprimoramento é ou não uma busca por domínio, mas se essa busca é nociva e, caso seja, no que difere de outras formas.

A resposta positiva que Sandel dá para essa questão – sim, os aprimoramentos são uma busca nociva por domínio – apoia-se em duas razões. Na primeira delas – que não será tratada em detalhes neste texto – o autor estadunidense apela para o conceito de “dádiva da vida”, argumentando que os aprimoramentos atentam contra essa noção e que, ao fazer isso,

enfraquecem os valores da humildade e da solidariedade que nela se apoiam.⁵ A segunda crítica baseia-se na ideia de *telos* – o uso de aprimoramentos corrompe alguma prática ou atividade ao desviá-la de seu propósito (2007, p. 38) – e será o alvo de nossa investigação a partir daqui.⁶

APRIMORAMENTOS VÃO CONTRA O *TELOS*?

Uma análise dos impactos do aprimoramento segundo a perspectiva de Sandel precisa levar em conta primeiramente seu raciocínio teleológico. Em outras palavras, precisa levar em conta sua acusação segundo a qual o uso de aprimoramentos corrompe alguma prática ao desvia-la de seu *telos*. Para ele, os argumentos que versam sobre a ética do aprimoramento são em parte argumentos em relação ao *telos*, isto é, ao objetivo ou propósito da atividade em questão (2007, p. 38).

Com efeito, este não é o primeiro tema sobre o qual Sandel pensa desta forma. Em sua descrição de como diversos aspectos da vida social estão sendo dominados pela lógica mercantilista, este autor acusa essa invasão não apenas de tornar a vida mais difícil para quem não tem recursos para pagar por certos serviços, mas também de corromper estes serviços ao trata-los como instrumentos de lucro, desviando-os de seu propósito original ao submetê-lo às mesmas regras que regulam o mercado.⁷ Assim é que ele acusa a prática de pagar para poder furar filas ou para incentivar pessoas a comerem melhor de corromperem o propósito e o valor original das filas e da boa alimentação, para citar apenas dois exemplos.

Portanto, não surpreende que este seja o caso também com os aprimoramentos. Segundo Sandel, o impulso dos pais para controlar o nascimento dos filhos não apenas “priva

⁵ A análise e crítica dessa parte do argumento de Sandel pode ser lida na tese “Michael Sandel e a ética do aprimoramento genético humano”, disponível em <https://repositorio.ufrn.br/items/8acd59d0-b590-43d7-8f23-87805c957831>, ou ainda em capítulo de livro homônimo a ser publicado na coleção “XX Encontro Nacional Anpof (2024)”, no volume dedicado à “Ética e Política”, previsto para o segundo semestre de 2025.

⁶ Vale salientar que a divisão que fazemos entre essas duas razões de forma alguma significa que elas sejam totalmente distintas. E isso porque é impossível falar sobre uma delas sem recorrer a conceitos e premissas utilizadas pela outra, de forma que elas podem ser melhor compreendidas como dois lados da mesma questão. Ainda assim, optamos por dividir esta questão em duas, seja por acreditarmos que cada uma delas merece uma resposta em separado, visto que envolvem alguns elementos e lidam com temas diferentes – distinção terapia/aprimoramento, virtudes parentais, apreciação, etc. – seja porque elas nos levarão a consequências distintas em nossa argumentação, como logo ficará claro. Tendo isso em mente, comecemos com a questão do *telos*.

⁷ “quando decidimos que determinados bens podem ser comprados e vendidos, estamos decidindo, pelo menos implicitamente, que podem ser tratados como mercadorias, como instrumentos de lucro e uso. Mas nem todos os bens podem ser avaliados dessa maneira” (SANDEL, 2012, p. 15).

os pais da humildade e do aumento de empatia humana que a abertura ao inesperado é capaz de promover” – algo que trataremos na seção seguinte – mas também “desfigura a relação entre ambos” (p. 60). É verdade que estes dois problemas estão conectados, e que a diminuição da humildade e da solidariedade dos pais tem a ver, segundo o autor, com as atitudes destes em relação às características de seus filhos. Mas também é possível argumentar que os aprimoramentos representam uma ameaça simplesmente por corromper uma prática, desfigurá-la, desviando-a de seu propósito original, de seu *telos*, ainda que isso não tivesse qualquer efeito sobre a humildade e a solidariedade dos pais.

Apesar do paralelo que traçamos acima, é importante notar que o problema que Sandel vê nos aprimoramentos não deriva simplesmente da comercialização dos talentos. Sua oposição a essa tecnologia se dá mesmo que ela fosse oferecida de forma gratuita. Não é a toa que o autor estadunidense também condena a eugenia do século passado, patrocinada pelo Estado e independente do livre mercado. O que há em comum nas críticas que Sandel faz ao comercialismo e ao aprimoramento é que ambas estão sujeitas não apenas a críticas de caráter prático, mas também críticas de corrupção.⁸

No que diz respeito aos esportes, por exemplo, ele acredita que seu propósito consiste na “exibição de talentos e dons naturais que não são mérito do atleta que os possui” (p. 41), de forma que aqueles aprimoramentos que potencializam os talentos específicos que determinado esporte foi posto para pôr à prova representam uma corrupção do esporte, ao passo que aprimoramentos que não interfiram nesse ponto (ou até mesmo ajudem a destaca-lo) são aceitáveis. Em um exemplo bastante claro, ele fala sobre o papel que a adoção do tênis representou para os corredores, argumentando que, sendo o propósito desse esporte premiar o corredor mais rápido, tal equipamento não corrompe a prática, mas na verdade a ajuda, permitindo que os corredores possam correr tão rápido quanto possível sem que sejam atrapalhados por pedras no caminho, por exemplo. Por outro lado, o uso de meios de transporte que não as próprias pernas (como o metrô), são obviamente uma subversão deste esporte, uma vez que não põem à prova a capacidade de correr dos participantes.⁹

Embora haja algo de muito atraente na ideia de que os aprimoramentos possam colocar em risco o propósito do esporte, a forma como Sandel direciona tal ideia pode ser questionada em pelo menos dois pontos. Primeiramente, não é consensual que o propósito do

⁸ Que a comercialização dos talentos possa aprofundar os problemas que ele já direciona à mera disponibilização destes é algo que, embora plausível, não abordaremos.

⁹ “O verdadeiro problema dos atletas geneticamente modificados é que eles corrompem a competição esportiva enquanto atividade humana que honra o cultivo e a exibição de talentos naturais” (SANDEL, 2007, p. 42).

esporte seja simplesmente a exibição de talentos naturais, podendo ser antes a forma como os atletas cultivam e desenvolvem esses talentos. Com efeito, tomar como o propósito do esporte a exibição de talentos naturais por si só conduziria à implausível ideia de que seria desnecessário – quiçá proibido – exercita-los e melhorá-los. Mas o fato de que esses talentos devem ser exercitados nos diz que a exibição cultuada pelo esporte não diz respeito apenas aos talentos crus, mas também ao que um atleta é capaz de fazer com esses talentos.

Além disso, convém invocar aqui a observação feita por Murilo Vilaça (2021), que ao questionar o argumento de Sandel segundo o qual nosso grau de admiração pelos atletas diminuiria à medida que eles fossem alvo de intervenções biotecnológicas, convenientemente lembra que se dependesse disso, já deveríamos ter parado de admirá-los há bastante tempo. E isso porque, em contraste com o que acontecia no campo dos esportes há pelo menos meio século, os atletas são hoje alvo de uma intervenção massiva por parte de preparadores físicos, nutricionistas, psicólogos, fabricantes de equipamentos e suplementos, entre outros. Assim é que para este autor, “[e]mbora o grau de melhoramento envolvido venha aumentando significativamente, não parece que nossa percepção sobre o mérito-responsabilidade dos atletas esteja se alterando proporcionalmente, o que pode indicar mais uma implausibilidade do prognóstico sandeliano” (2021, p. 794). Tal diagnóstico aponta para o fato de que nossa admiração pelos atletas e pelo esporte como um todo repousa em algo mais do que imaginou Sandel.

Ora, acontece que esse algo mais não seria descartado caso passássemos a admitir aprimoramentos nos esportes, principalmente no que diz respeito a aprimoramentos genéticos, que continuariam a não ser “mérito do atleta que os possui”. A capacidade que um atleta teria que demonstrar para dominar e exercitar seus talentos, fossem eles naturais ou artificiais, ainda seria cobrada. Nesse sentido, não há uma diferença real entre pessoas aprimoradas e não aprimoradas.

Haveria, claro, algumas diferenças, sendo a principal delas a capacidade que os atletas aprimorados teriam em alcançar certos resultados com mais facilidade. Porém é preciso notar que essa diferença seria motivo para reclamações apenas se permitirmos que atletas aprimorados concorressem com os não aprimorados e que por isso precisassem desprender um esforço muito menor para superá-los. Mas se criarmos ligas especiais apenas para atletas aprimorados, o foco no desenvolvimento e no domínio de seus talentos (artificiais) pode não apenas continuar sendo alvo de admiração, mas também tornar-se alvo de uma avaliação muito mais justa, uma vez que seria de se esperar que todos possuiriam talentos equiparáveis.

Uma outra consideração que pode ser igualmente relevante nesse assunto possui um caráter mais prático. Ainda que aceitemos que os aprimoramentos são de fato uma corrupção do esporte tal como Sandel descreve – o que inclui dizer que essa tecnologia é nociva para questões que vão além da justiça¹⁰ – então é de se esperar que os comitês esportivos combatam esse uso, incluindo-o numa lista antidoping ou impondo sobre ela uma proibição análoga. Se este for o caso, então os pais que querem que seus filhos se tornem grandes atletas devem na verdade evitar, e não buscar por aprimoramentos, conscientes de que isso pode fazer com que seus filhos sejam proibidos de seguir uma carreira profissional. E uma vez que fossem intimidados por essa proibição, os pais de atletas também acabariam exercendo enorme pressão sobre casos suspeitos de aprimoramentos nos esportes. Tudo isso resultaria num quadro em que os pais projetistas precisariam pensar bastante sobre a decisão de aprimorar seus filhos com talentos esportivos, uma vez que correriam o risco de fechar essa porta para eles exatamente ao tentar abri-la.¹¹

Ao lado da ameaça que representa ao *telos* do esporte, Sandel também vê o aprimoramento como uma ameaça à até então intocada criação dos filhos.¹² Em outras palavras, ele acredita que ao aprimorarmos nossos filhos estamos de alguma forma corrompendo alguma prática, desviando-a de seu propósito original e dessa forma empobrecendo-a.

Sandel vê isso acontecendo primeiramente quando os defensores do aprimoramento defendem a ideia de que esta prática nada mais é do que uma extensão das terapias, e que, portanto, retira sua força legitimadora da instituição da medicina. Mas para ele, a medicina tem como propósito a restauração da normalidade – ainda que esse conceito não seja totalmente exato – ou mesmo a prevenção de doenças, de forma que a utilizar para qualquer coisa além disso é corrompe-la.

Mas o *telos* da medicina não é por si só suficiente para se opor ao aprimoramento. Primeiro, porque alguém pode argumentar que seu propósito até hoje se manteve tal simplesmente porque ela nunca pôde ir além dele.¹³ Além do mais, utilizar o *telos* da medicina só é útil como argumento se quisermos comparar moralmente as práticas de cura com as de

¹⁰ Convém lembrar que para esse autor “o argumento contra o aprimoramento apoiado na questão da justiça tem em si uma falha fatal”, qual seja, a de que sempre houveram atletas naturalmente superiores a outros, e que os aprimoramentos poderiam estar disponíveis para todos os atletas, de forma que “[s]e o aprimoramento genético nos esportes é moralmente censurável, então deve sê-lo por motivos que vão além da justiça e da igualdade” (2007, p. 13).

¹¹ Essa reflexão com certeza oferece um novo elemento para pensarmos sobre o “direito a um futuro aberto”, além de levar-nos a pensar sobre o peso deliberativo que seria cobrado dos pais.

¹² “A ética do talento, que nos esportes vem sendo vítima de um cerco, ainda existe na criação dos filhos – mas aqui também a bioengenharia e o aprimoramento genético ameaçam expulsá-la de cena” (2007, p. 59).

¹³ Esse argumento é defendido, por exemplo, por Buchanan (2011, p. 142).

aprimoramento. Mas se admitirmos que os aprimoramentos são de fato realizados por motivos alheios aos da medicina, e que tiram sua força legitimadora de outro lugar que não sua comparação com a terapia, não há necessidade de avaliarmos essas práticas sob os critérios desta instituição.

Uma segunda opção é argumentar que os aprimoramentos vão contra o *telos* do próprio ser humano e que aumentar suas capacidades interfere com seu florescimento. Essa linha de raciocínio lembra uma série de críticas segundo a qual aumentar as capacidades de crianças pode acabar fazendo-lhes mais mal do que bem. Especula-se, por exemplo que uma criança com uma memória aprimorada pode achar difícil esquecer lembranças traumáticas, assim como uma que se destaque por seus dotes físicos sobre-humanos pode sofrer discriminação entre seus colegas, etc.

Mas sugerir que o aprimoramento corrompe o *telos* do ser humano apenas por lhe aumentar as capacidades também não é uma linha de raciocínio convincente, uma vez que, como já destacamos, o problema do aprimoramento para Sandel está mais na escolha desses aprimoramentos do que no aumento das capacidades em si.¹⁴ Além do mais, a noção de florescimento quando aplicada à criança alvo do aprimoramento só serve de critério a partir do reflexo que isso tem sobre os pais, visto que são esses o alvo das preocupações de Sandel. Nesse sentido, é conveniente questionarmos se o aprimoramento se opõe de alguma forma ao florescimento dos pais.

Avaliar o impacto dos aprimoramentos sobre o *telos* da paternidade parece ter sido exatamente a intenção do autor de *Contra a perfeição*, visto que ele vê o uso dessa tecnologia como nociva a uma das virtudes máximas a ser cultivada pelos pais. Segundo ele, “o impulso de banir a contingência e dominar o mistério do nascimento apequena os pais projetistas e corrompe a paternalidade enquanto prática social governada por preceitos de amor incondicional” (2007, pp. 82-83).¹⁵ De acordo com essa interpretação, ao permitir que os pais possam escolher os traços e dons de seus filhos, o aprimoramento faz com que eles deixem de exercitar a virtude do amor incondicional, isto é, amar um filho independente de suas características.

¹⁴ Além disso, essa linha de raciocínio exigiria que adentrássemos na profunda e bem pouco consensual questão do que caracteriza um ser humano pleno.

¹⁵ A esse respeito, o autor diz ainda que “[o]s pais que desejam melhorar seus filhos têm mais probabilidade de exagerar, de expressar e defender atitudes que vão contra o princípio do amor incondicional” (2007, p. 62).

Esta é uma crítica comum ao aprimoramento genético, a qual ganha apoio também de outros autores.¹⁶ Mas é importante notar que a disponibilização e mesmo prática de aprimoramentos não impede que os pais exerçam o amor incondicional. E isso porque não é o desejo de aprimorar uma criança que vai contra essa dita virtude, mas se a aceitamos ou não depois que ela nasce. Um pai que seleciona os traços de seu filho antes de seu nascimento ainda pode ser capaz de amá-lo mesmo que ele não atenda suas expectativas, da mesma forma que uma criança pode ser rejeitada e não amada mesmo sem a manipulação.

Em favor disso podemos lembrar que mesmo os pais incapazes de selecionar os traços de seus filhos fazem planos e anseiam que eles venham com alguns traços específicos, sem que isso tenha qualquer efeito sobre sua capacidade de amá-los da forma que eles vierem.¹⁷ O mesmo vale para pais adotivos que eventualmente podem escolher crianças que melhor atendam suas expectativas, sem que isso tenha qualquer impacto sobre seus sentimentos para com estes. Daí o ato de selecionar os traços de um filho não ser incompatível com o princípio do amor incondicional.¹⁸ A capacidade dos pais de amar seus filhos, aconteça o que acontecer, não pode ser medida por um único momento, muito menos se esse momento for anterior ao convívio com esse filho.¹⁹

Esse ponto é inadvertidamente apoiado por Sandel, quando este nos lembra que “[o] amor de um pai ou de uma mãe não depende dos talentos e atributos que o filho porventura tenha” (p. 60). Se este é o caso, não há razões para acreditar que faz qualquer diferença aprimorar um filho, uma vez que o amor dos pais para com ele se situa além disso.

Por tudo isso, não acreditamos que há razões para achar que a prática do aprimoramento corrompa a paternidade enquanto alicerçada no princípio do amor incondicional. Em outras palavras, o uso da tecnologia genética para fins de aprimoramento não vai contra o *telos* da

¹⁶ Sobre isso, ver por exemplo Bernard Prusak, segundo quem “[t]oda criança quer ser desejada, mas não desejada apenas se ele ou ela atende a expectativas parentais ao exibir essas ou aquelas características planejadas. O que a incondicionalidade da relação entre pais e filhos dá a criança, penso eu, é um senso de que ele ou ela é de valor absoluto: tão valioso que os pais não cessarão de amá-lo ou amá-la ou desistirão do relacionamento. ‘Filhos da escolha’ podem muito bem ser privados desse sentimento, o que certamente seria profundamente errado” (2008, p. 291). Ao lado dele, também Claudia Mills argumenta que “idealmente os pais devem ter uma relação com seus filhos baseada no amor incondicional pela criança em si, onde esse relacionamento vem primeiro, anterior a qualquer outro comprometimento. Isso significa que os pais podem ter que aceitar as escolhas da criança como parte desse relacionamento; eles têm que amar seus filhos tanto como a pessoa que ele é quanto como a pessoa que ele está em vias de se tornar” (2003, p. 505).

¹⁷ Lincoln Frias (2012) também oferece diversos exemplos nesse sentido, entre eles o bastante comum caso dos pais que desejam ter um filho de cada sexo, mas que acabam tendo dois filhos do mesmo sexo, sem que isso interfira no amor que sentirão pelo segundo filho, a despeito de suas expectativas frustradas (p. 148).

¹⁸ No segundo capítulo de seu livro *Choosing tomorrow children*, Stephen Wilkinson (2010) oferece uma distinção útil a esse argumento, e segundo a qual pais e aspirantes a pais são duas categorias diferentes e para as quais não valem as mesmas exigências morais, como a de “amar incondicionalmente seus filhos” (p. 29).

¹⁹ Sobre isso, ver também Frias (2012, p. 149).

paternidade. Se juntarmos isso ao fato de que o propósito da medicina, do próprio ser humano e também o dos esportes não são necessariamente opostos ao aprimoramento, veremos que essa linha de defesa não é por si só suficiente para nos opormos a essa tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, expusemos brevemente o argumento do autor Michael Sandel contra as técnicas de aprimoramento genético humano, argumento que utiliza a noção de *telos* e contra o qual levantamos algumas críticas, de forma que podemos concluir que, fosse este o único argumento contrário à utilização dessa tecnologia, não haveria motivos realmente sérios para nos opormos a ela.

Apesar disso, vale lembrar que o recurso ao *telos* é apenas uma parte da crítica de Sandel aos aprimoramentos, como já antecipamos. E isto porque é plausível pensar – como o autor de fato pensou – que mesmo que um pai ame seu filho, o ato de definir seus traços pode ter consequências sobre a forma como ele encara a si mesmo e os outros ao seu redor. Dessa forma, mesmo que os aprimoramentos não corrompam necessariamente o propósito de algumas instituições, a busca por domínio e maestria que os aprimoramentos representam ainda pode ser nociva de alguma forma.

Tendo tudo isso em vista, exortamos pela continuidade da investigação sobre a ética do aprimoramento genético humano, uma vez que o argumento investigado nesse texto não esgota sequer as possibilidades de debate oferecidas por Michael Sandel, e certamente não o esgotam num quadro mais amplo. Isso, aliado à importância que esse debate terá para o futuro da humanidade de forma geral, intima-nos a um olhar cuidadoso e sempre crítico sobre os argumentos que giram ao redor desse tema.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcelo de. **Novas tecnologias e dilemas morais**. São Paulo: 2019. *E-book*.

BUCHANAN, Allen. **Better than human: the promise and perils of enhancing ourselves**. New York: Oxford University Press, 2011.

FRIAS, Lincoln. **A ética do uso e da seleção de embriões**. Editora UFSC, 2012.

MILLS, Claudia. The Child's Right to an Open Future? **Journal of Social Philosophy**, Vol. 34, Nº 4, 2003, pp. 499-509.

PRUSAK, Bernard G. Not good enough parenting: What's wrong with the child's right to an "open future". **Social Theory and Practice**, vol. 34, Nº 2, 2008, pp. 271-291.

SANDEL, Michael. **The case against perfection: ethics in the age of genetic engineering**. Harvard Press University, 2007.

SANDEL, Michael. **Justiça** – o que é fazer a coisa certa. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. 4ª edição, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

SANDEL, Michael. **Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética**. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro; Civilização brasileira, 2013.

SANDEL, Michael. The case against perfection. **The Atlantic Monthly** 293 (3), 2004, pp. 51-62.

SILVER, Lee M. **De volta ao Éden; engenharia genética, clonagem e o future das famílias**. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Mercury, 2001.

VILAÇA, Murilo Mariano. Contra a perfeição, o melhoramento ou a dádiva? Uma análise sobre os argumentos de Michael Sandel sobre a engenharia genética. **Síntese**, v. 48, n. 152, 2021, pp. 779-805.

WILKINSON, Stephen. **Choosing Tomorrow's Children; the ethics of selective reproduction**. Oxford University Press, 2010.